

# O FERMENTO DOS SADUCEUS

## *THE LEAVEN OF SADDUCEES*

*Julio Cesar Ribeiro<sup>1</sup>  
Josimar Coutinho Lisboa<sup>2</sup>*

**Resumo:** Na micronarrativa de Mateus 16,5-12, a doutrina dos saduceus é chamada de fermento por Jesus, em um momento em que Ele está junto aos discípulos, instruindo-os a se acautelarem dela. Nesse contexto, surgem algumas perguntas: o que seria exatamente a doutrina dos saduceus, e por que Jesus a denominou assim? Por que Ele ordenou aos discípulos que se acautelassem dela? Quais as implicações disso para a fé cristã? Para responder às perguntas levantadas é preciso (1) analisar o contexto histórico da micronarrativa, (2) identificar algumas palavras-chave na língua original e seus significados, (3) buscar entender quem eram os saduceus e a suas doutrinas e, por fim, (4) quais as implicações dessas crenças para a fé cristã.

**Palavras-chave:** Mateus. Jesus. Discípulos. Saduceus. Fermento. Doutrinas.

**Abstract:** In the narrative of Matthew 16,5-12, the doctrine of the Sadducees is called leaven by Jesus, at a time when He is with the disciples, instructing them to beware of it. In this context, some questions arise: what exactly is the doctrine of the Sadducees, and why did Jesus refer to it by this term? Why did He command His disciples to beware of it? What are the implications of this for the Christian faith? In order to answer the questions raised, it is necessary to (1) analyze the historical context of the micronarrative, (2) identify some key words in the original language and their meanings, (3) seek to understand who the Sadducees and their doctrines were, (4) what are the implications of these beliefs for the Christian faith.

**Keywords:** Matthew. Jesus. Disciples. Sadducees. Leaven. Doctrines.

## Introdução

A região da Palestina, nos tempos de Jesus, encontrava-se sob o domínio de Roma e, por causa de sua forte presença e autoridade, os judeus sofreram muito. Quando houve a indicação de Herodes “O Grande”, pelo senado romano, para ser o monarca em grande parte da Palestina, isso tornou a sorte dos judeus ainda mais amarga.<sup>3</sup> Herodes foi rápido

---

<sup>1</sup> Possui Bacharelado em Teologia e Especialização *Lato-Sensu* em Teologia Bíblica, ambos pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP) e Mestrado *Intra-Corpus* pelo Seminário Adventista Latino-americano de Teologia (SALT). Cursa Formação Pedagógica em Filosofia e Letras no Centro Universitário Ítalo Brasileiro (UNIÍTALO); cursando último semestre (escrita da dissertação) do Mestrado Acadêmico *Stricto-Sensu* no Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), na área de concentração da Teologia Cristã e na linha de pesquisa da Teologia Bíblica. E-mail: julioribeiro7@outlook.com

<sup>2</sup> Bacharel em Teologia e Especialista em Teologia Bíblica pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo; Especialista em Terapia Familiar pela Faculdade de Venda Nova do Imigrante; Mestre (*Intra Corpus*) pelo Seminário Adventista Latino-americano de Teologia. E-mail: josimarlisboa@hotmail.com

<sup>3</sup> Francis D. NICHOLS, *Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia*, p. 272.

em tentar fazer da Palestina o que o imperador Augusto estava fazendo em maior escala no império romano, ou seja, ele começou a *helenizar*<sup>4</sup> a Judeia. Jerusalém foi invadida por uma maré de paganismo que incluía corridas e jogos gregos. Por todo país eram erigidos santuários de adoração a deuses pagãos e, até mesmo dentro do templo, as armadilhas do paganismo e sua religião prosperavam. Quando alguns fariseus reagiam contra os atos do governante, eram retaliados, combatidos e, em muitos casos, assassinados.<sup>5</sup>

Outro fato marcante desse período da história judaica consiste em que, repetidamente, vários supostos *messias*<sup>6</sup> se levantaram do meio do povo. Eles tinham o intuito de lutar pelos direitos dos judeus e queriam reparar a injustiça causada pelos romanos por meio da violência e da espada. Desse modo, as profecias do Antigo Testamento em relação ao Messias prometido foram distorcidas por essas aspirações políticas. Em consequência disso, quando Jesus de Nazaré começou Seu ministério, não atendeu a essas falsas expectativas, e o orgulho nacional impediu que O reconhecessem como Aquele de quem os profetas haviam testemunhado.<sup>7</sup>

## **1. Contexto e Geografia**

Era a ocasião em que Jesus vinha de *Tiro*<sup>8</sup> e estava retornando ao Mar da Galileia. Certamente, essa viagem havia durado várias semanas, pois, conforme afirma o texto bíblico, durante o seu trajeto Jesus havia passado por *Sidom*<sup>9</sup> e pelo território das dez cidades que haviam sido helenizadas, na região chamada de *Decápolis*.<sup>10</sup> Certamente uma viagem como essa seria uma grande oportunidade para Jesus ministrar Seus ensinamentos aos discípulos ou testemunhar acerca do poder do Deus de Israel para as outras pessoas. E foi exatamente o que aconteceu quando Ele estava passando por *Decápolis*.

---

<sup>4</sup> Dar caráter grego ou tornar semelhante aos gregos, à sua cultura e civilização.

<sup>5</sup> Francis D. NICHOLS, *Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia*, p. 29.

<sup>6</sup> Indivíduo aceito como líder, capaz de propiciar um estado ou condição desejável numa sociedade; reformador social, salvador. Para os judeus, redentor prometido por Deus para redimi-los, e à sociedade, estabelecendo uma nova ordem social de paz, de justiça e de liberdade.

<sup>7</sup> Francis D. NICHOLS, *Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia*, p. 272.

<sup>8</sup> Cidade fenícia, localizada no atual Líbano, na costa do mar Mediterrâneo, a cerca de 30 km de *Sidom*. A cidade moderna é chamada hoje de *Sur*.

<sup>9</sup> Terceira maior cidade do Líbano. Situada na costa do mar Mediterrâneo, a cerca de 40 km ao norte de *Tiro* e a 48 km da capital do país, *Beirute*.

<sup>10</sup> *Decápolis* (do grego: *deka* + *polis*) era um grupo de dez cidades na fronteira oriental do Império Romano na Judeia e Síria. As Dez cidades não constituíam uma liga oficial ou unidade política, mas foram agrupadas por causa de sua língua, cultura, localização e status político.

As notícias da sua [Jesus] chegada à costa sudeste do lago foram divulgadas por toda a região helenizada conhecida como Decápolis, na tetrarquia de Herodes Filipe (ver Marcos 7,31); e grandes multidões logo seguiram Jesus até à encosta do monte levando consigo um grupo de pessoas aflitas que Ele se sentiu constrangido a curar. Mateus não indica expressamente a região em que se deram essas curas, mas que Jesus agora estava em território predominantemente não judeu está implícito na afirmação de que o louvor prestado pelos que experimentaram o poder curativo de Jesus era tributado ao Deus de Israel.<sup>11</sup>

Na sequência do relato de Mateus, além de Jesus curar muitos enfermos, Ele realiza novamente o milagre da multiplicação de pães e peixes. Geralmente os críticos da Bíblia procuram contradizê-la, confundindo esse milagre com o primeiro. Porém, os dois milagres têm algumas características que os distinguem um do outro:

A primeira multiplicação ocorreu na Galileia, perto de Betsaida, e envolveu principalmente os judeus. Este milagre ocorreu perto de Decápolis e envolveu principalmente os gentios. No primeiro milagre, Jesus começou com cinco pães e dois peixes; aqui, temos sete pães e “alguns peixinhos”. Os cinco mil haviam passado um dia com o Mestre; aqui, os quatro mil passaram três dias com ele. Na alimentação dos cinco mil, foram recolhidos doze cestos de sobras; aqui, foram recolhidos apenas sete cestos depois que quatro mil pessoas foram alimentadas.<sup>12</sup>

Após despedir a multidão que alimentara na multiplicação dos pães, Jesus entra no barco, rumo ao território de Magadã<sup>13</sup> (15,39). Grande parte das autoridades atuais identificam esse local como estando entre Cafarnaum e Tiberíades. Foi ali que os fariseus e saduceus se aproximaram de Jesus para tentá-Lo, pedindo um sinal do céu (16,1). Jesus se nega a dar o sinal, afirmando que aqueles que pediam o milagre faziam parte de uma “geração má e adúltera” (16,4). Ele considerou os fariseus e saduceus como uma geração má porque não tinham percepção moral e espiritual das coisas, e adúltera porque eram desleais para com o próprio Deus.<sup>14</sup>

Em todo o Novo Testamento, com exceção dessa passagem, não existe uma representação dos saduceus como estando fora da Judeia. Esse fato soa como uma menção estranha, salvo se houvesse alguma parceria entre fariseus e saduceus no intuito de prender Jesus, o que parece ser o caso. Aparentemente, “longe de sugerir uma incerteza

---

<sup>11</sup> Randolph V. G. TASKER, *O Evangelho Segundo Mateus*, p. 122.

<sup>12</sup> Warren W. WIERSBE, *Comentário Bíblico Expositivo*, p. 177.

<sup>13</sup> Uma área perto do mar da Galileia para a qual Jesus se retirou depois de alimentar milagrosamente cerca de 4 mil homens (manuscritos de data mais recente dizem “Magdala”). Marcos (8,10), segundo os melhores manuscritos gregos, referiu-se ao mesmo território como “Dalmanuta”.

<sup>14</sup> Francis D. NICHOLS, *Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia*, p. 448.

que eles estão ansiosos para dissipar, o pedido dos críticos por um sinal, uma autenticação do ministério de Jesus, é representado pelo evangelista como uma tentação”.<sup>15</sup>

## 2. Os Saduceus

Não é possível afirmar, de modo exato e pontual, quando, onde ou como surgiram os saduceus. A primeira ocorrência relatada na história é nos dias de Jônatas Macabeu, líder da luta dos judeus contra os selêucidas, de 160 até 143 a.C.<sup>16</sup> Aparentemente os saduceus parecem ter sido os membros da alta classe, a elite da região da Judeia no período pós-Macabeu. Intencionando a finalidade religiosa suprema dentro do judaísmo, eles apoiavam o sacerdócio. Desse ponto de vista, aderiam ao significado literal do Pentateuco.<sup>17</sup> Aristocráticos, os saduceus eram os herdeiros dos *asmonéus* do período intertestamentário e, embora sendo eles em número menor em relação aos fariseus, possuíam uma maior influência política, considerando que controlavam o sacerdócio.<sup>18</sup>

Nos dias de Cristo, os saduceus eram principalmente originários das classes abastadas, dos oficiais superiores, comerciantes ricos, proprietários de terras e sacerdotes. Eles tinham o controle do Templo e da adoração e sacrifícios no Templo, administravam também o dízimo e, portanto, o sistema financeiro. Os homens de estado e os diplomatas eram conhecidos dentre os saduceus - os homens que mantinham as relações essenciais com as autoridades ocupantes, sem as quais o país não poderia ter-se mantido.<sup>19</sup>

Em se tratando especificamente da origem do termo, existe uma possibilidade de *saduceus* ter como significado original *membros do supremo conselho*, mas os próprios saduceus reinterpretavam o termo como *os justos*.<sup>20</sup> Possivelmente o termo derive do nome hebraico *Sadoc*, que teria sido um sacerdote de Jerusalém que viveu nos tempos dos reis Davi e Salomão, e citado em 1 Reis 2,35; é devido a isso o fato de os sacerdotes de Jerusalém serem chamados de *filhos de Sadoc* em porções do texto bíblico, como, por exemplo, em Ezequiel 40,46 e 43,19.<sup>21</sup>

Nos modelos para a restauração da adoração do templo (Ezequiel 40-48), é ao sacerdócio Zadoquita que é novamente dado o encargo de

---

<sup>15</sup> W. F. ALBRIGHT; C. S. MANN, *Matthew*, S. 191.

<sup>16</sup> Walter A. ELWELL; Philip W. COMFORT, *Tyndale Bible Dictionary*, n.p.

<sup>17</sup> R. M. SELTZER, *Biblioteca Enciclopédica Judaica*, p. 197.

<sup>18</sup> R. GUNDRY, *Panorama do Novo Testamento*, p. 98.

<sup>19</sup> Henri DANIEL-ROPS, *A vida diária nos tempos de Jesus*, p. 437.

<sup>20</sup> R. GUNDRY, *Panorama do Novo Testamento*, p. 98.

<sup>21</sup> R. M. SELTZER, *Biblioteca Enciclopédica Judaica*, p. 197.

ministrar como “sacerdotes levitas” (44,15-16; 48,11-12). Depois do exílio, lemos de Josué (Jeshua), filho de Jozadaque, como sumo sacerdote (Ageu 1,1), e a sua linhagem foi remontada a Zadoque (1 Crônicas 6,8-15). O significado do sacerdócio Zadoquita continua a ser enfatizado nos escritos do início do segundo século a.C.<sup>22</sup>

No campo religioso, poder-se afirmar que os saduceus eram estreitamente apegados à Lei escrita e não aceitavam qualquer coisa que constituísse uma adição a ela.<sup>23</sup> Ao contrário dos fariseus, tinham em consideração apenas o Pentateuco (os cinco primeiros livros do Antigo Testamento), também chamado de Lei mosaica ou Torá, além desprezarem por completo qualquer lei oral, principalmente as provenientes de rabinos não sacerdotais.<sup>24</sup>

A “teologia’ saduceia” é também esclarecedora e faz conhecer o conservadorismo institucional da nobreza leiga. Atinha-se estritamente à letra da Torá, particularmente às suas prescrições sobre o culto e o sacerdócio; via-se, pois, em nítida oposição com os fariseus e sua *halaka* oral que declaravam obrigatórias, mesmo para o círculo de leigos piedosos, as prescrições acerca da pureza relativa aos sacerdotes. Os saduceus consignaram essa teologia uma *halaka* perfeitamente elaborada e exegeticamente fundada.<sup>25</sup>

No entanto, com o passar do tempo e por conta das relações com dominadores provenientes de outras nações, os saduceus foram inclinados a diminuir seu zelo e devoção religiosa, indo cada vez para mais perto do ideal helenístico. Não compartilhavam das mesmas crenças dos fariseus, como, por exemplo, a existência de anjos ou a ressurreição do corpo.<sup>26</sup> Em algumas notas registradas na história, Josefo nos declara ainda que os saduceus não acreditavam em uma intervenção divina em relação a assuntos humanos, rejeitando assim a graça dispensada por esse Deus. Acreditavam que a escolha de fazer o bem ou praticar o mal dependia exclusivamente do livre arbítrio do homem, cuja alma seria recompensada com a existência ou com a eliminação completa, dependendo de qual tivesse sido a escolha. Assim, aparentam os saduceus ser mais ancestrais do que tanto os hereges pelágicos como os racionalistas gregos.<sup>27</sup>

---

<sup>22</sup> Walter A. ELWELL; Philip W. COMFORT, *Tyndale Bible Dictionary*, n.p.

<sup>23</sup> Henri DANIEL-ROPS, *A vida diária nos tempos de Jesus*, p. 438.

<sup>24</sup> R. GUNDRY, *Panorama do Novo Testamento*, p. 98.

<sup>25</sup> Joachim JEREMIAS, *Jerusalém no Tempo de Jesus*, p. 314.

<sup>26</sup> R. GUNDRY, *Panorama do Novo Testamento*, p. 98.

<sup>27</sup> Henri DANIEL-ROPS, *A vida diária nos tempos de Jesus*, p. 438

### 3. A Micronarrativa de Mateus 16,5-12

A partir daqui, Jesus se retira num barco, juntamente com Seus discípulos, indo para a outra margem do lago, abandonando fariseus e saduceus. É nesse momento que o Mestre adverte Seus discípulos: “[...] acautelai-vos do fermento dos fariseus”.

*5 Ora, tendo os discípulos passado para o outro lado, esqueceram-se de levar pão. 6 E Jesus lhes disse:<sup>28</sup> Vede<sup>29</sup> e acautelai-vos<sup>30</sup> do fermento dos fariseus e dos saduceus<sup>31</sup>. 7 Eles, porém, discorriam entre si, dizendo: É porque não trouxemos<sup>32</sup> pão. 8 Percebendo-o Jesus,<sup>33</sup> disse: Por que discorreis entre vós<sup>34</sup>, homens de pequena fé,<sup>35</sup> sobre o não terdes pão?<sup>36</sup> 9 Não compreendeis ainda, nem vos lembrais dos cinco pães para cinco mil homens e de quantos cestos tomastes? 10 Nem dos sete pães para os quatro mil e de quantos cestos tomastes? 11 Como não compreendeis que não vos falei a respeito de pães? E sim: acautelai-vos do fermento dos fariseus e dos saduceus. 12 Então, entenderam que não lhes dissera que se acautelassem do fermento de pães, mas da doutrina dos fariseus e dos saduceus.<sup>37</sup>*

Essa passagem aparece nesse momento da narrativa, sem dúvida, por conta da referência aos fariseus e saduceus na passagem anterior, quando pediram a Jesus um sinal do céu, não por desejo sincero de conhecer a verdade, mas sim para utilizar tal oportunidade para aprisionar o Mestre. Era exatamente essa visão negativa transmitida pela liderança judaica, uma “geração má e adúltera”, que fez levantar-se aqui o comentário sobre quão perigosos eram seus ensinamentos. Esses versos, combinados com os versos 1 a 4, são como uma expressa acusação contra fariseus e saduceus na primeira parte principal do Evangelho.<sup>38</sup>

No capítulo 8 do Evangelho de Marcos, o diálogo acontece em um barco, e não é fácil entender claramente o que significa o “fermento dos fariseus e fermento de Herodes”, relatado no verso 15, a não ser que ele esteja retomando o discurso de Marcos 3,6.<sup>39</sup> Aqui, no entanto, a narrativa é composta, basicamente, de um aviso claro dado por

<sup>28</sup> Mateus atenua Marcos, substituindo διεστέλλεο, “ele ordenou”, por εἶπεν, “ele disse”.

<sup>29</sup> ὁρᾶτε, lit. “veja”.

<sup>30</sup> Mateus substitui ο βλέπετε de Marcos, pelo sinônimo προσέχετε, “acautelai-vos”.

<sup>31</sup> Ο και τῆς ζύμης Ἡρώδου, “e o fermento de Herodes”, de Marcos, é substituído pelo mais geral και Σαδδουκαίων, “e saduceus”, remontando à representação da liderança judaica no verso 1.

<sup>32</sup> Ο ἐλάβομεν, “trouxemos” de Mateus, está no lugar do χομεν, “temos”, de Marcos.

<sup>33</sup> Mateus acrescenta ὁ Ἰησοῦς, “Jesus”, em relação a Marcos.

<sup>34</sup> Mateus acrescenta ἐν αὐτοῖς, “entre vós”, em relação a Marcos.

<sup>35</sup> Mateus acrescenta ὀλιγόπιστοι, lit. “pequenas fês”, no plural, em relação a Marcos.

<sup>36</sup> Mateus apaga o redundante οὐδε συνίετε, “nem entendido”, de Marcos 8,17.

<sup>37</sup> Almeida Revista e Atualizada, p. 16.

<sup>38</sup> Donald A. HAGNER, *Word Biblical Commentary 33B*, S. 456.

<sup>39</sup> W. F. ALBRIGHT; C. S. MANN, *Matthew*, S. 191.

Jesus a Seus discípulos que, porém, é mal entendido por eles devido à sua preocupação de ter esquecido de trazer alimento, o pão, para suprir a necessidade em um local aparentemente isolado. Para melhor entendimento do relato, sugere-se a seguinte estrutura, apresentada de forma concêntrica:<sup>40</sup>

*A o problema dos discípulos (v. 5);*

*B a advertência de Jesus (v. 6);*

*C a confusão dos discípulos (v. 7);*

*C' A repreensão de Jesus, consistindo em: (1) falta de fé dos discípulos (v. 8), (2) a referência aos alimentos (v. 9–10), e (3) o mal-entendido (v. 11a);*

*B' a repetição da advertência (v. 11b);*

*A' a compreensão dos discípulos (v. 12).*

No verso 6, Προσέχετε (*prosechete*) aparece no presente do imperativo, expressando um sentido de ordem, atenção. Essa palavra vem combinada de outro verbo no imperativo, *horate* (literalmente *veja*), dando uma ideia de olhar com pontualidade, indicando que aquilo que Jesusalaria a seguir com os seus discípulos seria muito importante e eles deveriam dar muita atenção.<sup>41</sup> Ao utilizar a palavra *prosechete*, Jesus estava retratando a dificuldade que os discípulos tinham de aprender as verdades espirituais. Naquela ocasião, isso demonstrou que ainda estavam com o intelecto *embotado*, duros de coração e cegos para as verdades que Jesus os queria apresentar. Ademais, os discípulos foram aqueles que tiveram o privilégio de serem testemunhas oculares dos milagres do Mestre, mas ainda não haviam entendido o seu significado.<sup>42</sup>

A palavra διαλογίζοντο (*dialogízonto*) aparece no verso 7 estando no presente indicativo médio da terceira pessoa do plural do verbo διαλογίζομαι (*dialogízomai*), “raciocinar, disputar”.<sup>43</sup> Ela pode ainda ter o sentido de “manter uma conversação”. Além disso, no Novo Testamento, *dialogízomai* pode ser empregado quando aparece no relato pessoas que estão preocupadas com aquilo que é superficial, como no caso dos discípulos, que estavam preocupados com o pão material.<sup>44</sup>

O verbo συνίημι (*syniēmi*) aparece no versículo 12 na forma do aoristo indicativo ativo da terceira pessoa do plural do verbo, podendo ser traduzido como “entender, compreender”.<sup>45</sup> O verbo *syniēmi* originalmente significava “juntar”. Porém, esse

---

<sup>40</sup> Donald A. HAGNER, *Word Biblical Commentary 33B*, S. 456.

<sup>41</sup> F. RIENECKER; C. ROGERS, *Chave Linguística do Novo Testamento Grego*, p. 36.

<sup>42</sup> Russell Norman CHAMPLIN, *O Novo Testamento Interpretado*, p. 441.

<sup>43</sup> F. RIENECKER; C. ROGERS, *Chave Linguística do Novo Testamento Grego*, p. 36.

<sup>44</sup> C. BROWN; L. COENEN, *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, p. 1632.

<sup>45</sup> F. RIENECKER; C. ROGERS, *Chave Linguística do Novo Testamento Grego*, p. 36.

significado não foi achado no Novo Testamento, passando a significar, figuradamente, “perceber”, “notar”, “entender”, “examinar” ou “compreender”. Portanto, a palavra significa, em primeiro lugar, “percepção”, depois, “tomar nota de” e, finalmente, “compreender”, no sentido de entender.<sup>46</sup>

A palavra ζύμη se encontra no genitivo feminino singular do substantivo ζύμη, ης, ή (*zymē*), “fermento”. “Jesus referia-Se ao ensino deles, ao legalismo rígido e ao sofisma casuísta dos fariseus e ao oportunismo político e materialismo mundano dos saduceus”.<sup>47</sup> Na passagem, “fermento” se refere especificamente à doutrina dos fariseus e saduceus. A comparação que Jesus fez do fermento com a doutrina se aplica em relação ao caráter dos líderes religiosos judeus do primeiro século em Jerusalém, pois, na maioria das vezes, revelava “sua hipocrisia, orgulho, ostentação e formalismo”.<sup>48</sup>

### **Considerações Finais**

Nos dias de Moisés, os judeus haviam aprendido que sempre na ocasião da Páscoa deveriam tirar de suas casas todo o fermento, pois este era considerado um símbolo do pecado (Ex 12,15). Todavia, na ocasião da partida súbita para o território de Magadã, no meio da viagem os discípulos se lembraram de que não haviam levado pão, tendo consigo apenas um (Mc 8,14). Quando Jesus lhes advertiu para tomarem cuidado com o fermento dos fariseus e saduceus, entenderam erroneamente que Ele falava para que não comprassem pão de um fariseu ou saduceu. Porém, é possível notar que os discípulos demonstraram falta de fé e de visão espiritual:

Em sua súbita partida de Magdala, esqueceram-se de prover-se de pão, tendo consigo apenas um. Entenderam que Cristo Se referia a essa circunstância, advertindo-os a não comprar pão de um fariseu ou saduceu. Sua falta de fé e de visão espiritual levaram-nos, muitas vezes, a semelhante má compreensão de Suas palavras. Então Jesus os reprovou por pensarem que Aquele que alimentara milhares com uns poucos peixes e pães de cevada, poderia, naquela solene advertência, referir-Se meramente à comida temporal. Havia perigo de que o astuto raciocínio dos fariseus e saduceus levedasse os discípulos com incredulidade, levando-os a considerar levianamente as obras de Cristo.<sup>49</sup>

---

<sup>46</sup> C. BROWN; L. COENEN, *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, p. 1927.

<sup>47</sup> F. RIENECKER; C. ROGERS, *Chave Linguística do Novo Testamento Grego*, p. 36.

<sup>48</sup> Francis D. NICHOLS, *Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia*, p. 449.

<sup>49</sup> Ellen G. WHITE, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 351.



Jesus estava advertindo os discípulos para que não permitissem a propagação da influência maligna dos ensinamentos dos dois grupos que pouco antes vieram para “testá-lo”.<sup>50</sup> Tais grupos insinuavam seus princípios enganadores, disfarçando a verdadeira tendência de suas doutrinas, e aproveitavam “toda ocasião de as instilar artificialmente no espírito dos ouvintes. Esses falsos princípios, uma vez aceitos, operavam como fermento na massa, nela penetrando e transformando-lhe o caráter”.<sup>51</sup>

Assim como o fermento posto no meio da farinha opera imperceptivelmente, transformando toda a massa, o mesmo acontece se os cristãos permitem que a hipocrisia tome lugar no coração. Como nos tempos de Cristo, a mesma doutrina da hipocrisia se acha sutilmente disseminada entre os cristãos atuais, devendo estes tomar cuidado, assim como Cristo advertiu aos Seus discípulos para tomarem cuidado no primeiro século da era cristão.

Levando em conta que o ensino dos dois grupos, fariseus e saduceus, era semelhante no que diz respeito ao discordarem em diversos aspectos específicos da lei, seu “fermento” comum pode ser a rejeição mais geral da vontade de Deus para que as pessoas respondam a Jesus com uma atitude de discipulado.<sup>52</sup>

Entre os seguidores de nosso Senhor em nossos dias, como outrora, quão disseminado se acha esse pecado sutil e enganador! Quantas vezes nosso serviço a Cristo, nossa comunhão uns com os outros, não são manchados pelo oculto desejo de exaltar o próprio eu! Quão pronto o pensamento de se congratular consigo mesmo, e o anelo da aprovação humana! É o amor do próprio eu, o desejo de um caminho mais fácil do que o que nos é designado por Deus, que leva à substituição dos divinos preceitos por teorias e tradições humanas.<sup>53</sup>

Portanto, pode-se concluir que os cristãos da atualidade estão suscetíveis aos mesmos perigos que os discípulos estavam durante o cristianismo do primeiro século, correndo o risco de ser *contaminados* com o *fermento* dos saduceus, ou seja, as intenções pecaminosas revestidas de doutrinas, tendo como base a exaltação pessoal, a hipocrisia e a incredulidade nas promessas de Deus, devendo sempre *acautelar-se* para não cair no mesmo erro.

Além disso, os cristãos atuais devem manter a fé e a percepção espiritual aguçadas, para entender as orientações e as advertências de Deus, sempre que elas se

---

<sup>50</sup> Craig BLOMBERG, *The New American Commentary* 22, S. 247.

<sup>51</sup> Ellen G. WHITE, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 352.

<sup>52</sup> Craig BLOMBERG, *The New American Commentary* 22, S. 247.

<sup>53</sup> Ellen G. WHITE, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 353.

façam presentes. Assim como Jesus, num primeiro momento, tentou advertir Seus discípulos sobre as intenções dos fariseus e saduceus, hoje, Deus procura dar as mesmas advertências para o Seu povo.

## **Referências**

- ALBRIGHT, W. F.; MANN, C. S. *Matthew: Introduction, Translation, and Notes*. New Haven; London: Yale University Press, 2008.
- BÍBLIA SAGRADA ALMEIDA REVISTA E ATUALIZADA*. 2. ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.
- BLOMBERG, C. *The New American Commentary 22: Matthew*. electronic ed. Nashville: Broadman & Holman Publishers, 2001.
- BROWN, C.; COENEN, L. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000.
- CHAMPLIN, R. N. *O Novo testamento interpretado: versículo por versículo*. v. 1. São Paulo: Hagnos, 2002.
- DANIEL-ROPS, H. *A vida diária nos tempos de Jesus*. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2008.
- ELWELL, W. A.; COMFORT, P. W. *Tyndale Bible Dictionary*. Wheaton: Tyndale House Publishers, 2001.
- GUNDRY, R. *Panorama do Novo Testamento*. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2008.
- HAGNER, D. A. *Word Biblical Commentary: Matthew 14-28*. Dallas: Word, Incorporated, 2002.
- JEREMIAS, J. *Jerusalém no Tempo de Jesus: Pesquisas de história econômico-social no período neotestamentário*. São Paulo: Paulus, 2010.
- NICHOLS, F. D. (Ed.). *Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia*. v. 5. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2013.
- O Novo Testamento Grego*. 4. ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.
- RIENECKER, F.; ROGERS, C. *Chave Linguística do Novo Testamento Grego*. São Paulo: Vida Nova, 1995.
- SELTZER, R. M. *Biblioteca Enciclopédica Judaica: Povo Judeu, Pensamento Judaico I*. v. 1. Rio de Janeiro: Sêfer, 1990.
- TASKER, R. V. G. *O Evangelho Segundo Mateus: Introdução e comentários*. São Paulo: Vida Nova, 1980.
- WHITE, E. G. *O Desejado de Todas as Nações*. Berrien Springs: Ellen G. White Estate, 2007.
- WIERSBE, W. W. *Comentário Bíblico Expositivo: Novo Testamento*. v. 1. Santo André: Geográfica, 2006.

*Recebido em: 31/01/2020*  
*Aprovado em: 19/02/2020*